

O Priorado do Crato e o Convento Central da Ordem do Hospital nos Tempos do Prior D. Vasco de Ataíde

Dirceu Marchini Neto¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre as relações entre o Priorado do Crato e o Convento Central da Ordem do Hospital e sobre a maneira como estes se relacionavam com a Santa Sé. A delimitação temporal abrange o final do século XV e início do século XVI, enfatizando, entretanto, o período em que D. Vasco de Ataíde esteve no cargo de Prior do Crato, em Portugal. Analisando a relação do Prior do Crato, D. Vasco de Ataíde, com o Papado, percebemos que em muitas ocasiões a Santa Sé utilizava a Ordem do Hospital como um braço armado ao serviço da Cristandade e da própria Igreja Católica Apostólica Romana. Quanto à relação entre o Prior D. Vasco de Ataíde e o Convento Central da Ordem do Hospital, sediado na ilha de Rodes, vale ressaltar que o Prior do Crato fornecia ajuda militar a cada vez que Grão-Mestre assim solicitava, e, em várias ocasiões, comparecia pessoalmente aos Capítulos Gerais e a outras convocatórias.

Palavras-chave: Priorado do Crato; Ordem do Hospital; Convento Central; Vasco de Ataíde; Santa Sé.

Resumen: En este artículo se presenta un estudio sobre la relación entre el Priorato de Crato y el Convento Central de la Orden del Hospital y cómo éstos se relacionaban con la Santa Sede. La delimitación temporal abarca a finales del siglo XV y principios del siglo XVI, destacando, sin embargo, el período en el que D. Vasco de Ataíde estaba ocupando el cargo del Prior de Crato, en Portugal. Analizando la relación del Prior de Crato, D. Vasco de Ataíde, con el Papado, nos damos cuenta de que en muchas ocasiones la Santa Sede utilizó la Orden del Hospital como un brazo armado al servicio del cristianismo y de la Iglesia Católica Romana. Sobre la relación entre el Prior D. Vasco de Ataíde y el Convento Central de la Orden del Hospital, que tenía sede en la isla de Rodas, cabe destacar que el Prior de Crato proporcionaba ayuda militar a cada vez que el Gran Maestro solicitaba, y, varias veces, estuvo presente en los capítulos generales y en otros eventos.

Palabras clave: Priorato de Crato; Orden del Hospital; Convento Central; Vasco de Ataíde; Santa Sede.

Depois da queda de Jerusalém, em 1187, a Ordem do Hospital transferiu sua sede para São João de Acre, de onde foi expulsa, procurando refúgio na Ilha de Chipre em 1291. Em 1309, com a derrota em Chipre, os hospitalários se sediaram na Ilha de Rodes, a qual foi tomada do Império Bizantino (RILEY-SMITH, 1999). Durante mais de duzentos anos Rodes foi a base das atividades defensivas dos hospitalários, em face do avanço islâmico no Mar Mediterrâneo. Nesta ilha, a Ordem criou um principado independente, onde permaneceu quase como uma “Ordem Estado” (BARQUERO GOÑI, 2006, p.20)².

Entretanto, nos séculos XIV e XV, o Império Otomano se expandiu pelo Mediterrâneo, pelo Norte da África, chegando inclusive nas terras da Hungria e cercando a ilha de Rodes, onde ficava o Convento Central da Ordem de São João, em duas ocasiões,

¹ Professor efetivo da Universidade Federal do Tocantins (UFT): www.uft.edu.br. Licenciado em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em História Medieval e do Renascimento pela Universidade do Porto (U.Porto), Doutor em História pela Universidade de Brasília (UNB). E-mail: dirceumarchini@uft.edu.br.

² Trechos deste artigo foram retirados da nossa tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. MARCHINI NETO Dirceu. *O Priorado do Crato da Ordem do Hospital e as Dinâmicas de Poder na Época do Prior D. Vasco de Ataíde (1453-1491)*. Tese de doutorado apresentada à Universidade de Brasília (UNB). Brasília: 2015.

1480 e 1522; nessa última ocasião conquistando a Ilha (HOUSLEY, 2004, pp. 148-162). Esse avanço Turco altera os objetivos dos priorados hospitalários em todo o continente europeu, inclusive os do Priorado do Crato³, onde se aumenta a necessidade de envio de recursos humanos e materiais ao Convento Central. Vale ressaltar que a Ordem devia obediência ao Papa, o que permitia ao Pontífice usar a milícia como “protetora” da Cristandade e dos territórios cristãos continentais e marítimos, fortemente ameaçados pelo avanço Otomano. Nessa conjuntura, ainda se inserem as figuras dos soberanos, que em diversas ocasiões foram chamados a participar de confrontos ou enviar recursos ao Grão-Mestre da Ordem, como aconteceu com os monarcas portugueses e espanhóis⁴.

Vale ressaltar que nos primeiros anos do século XV houve significativa paz entre a Ordem do Hospital e seus vizinhos muçulmanos, Mamelucos do Egito, Emirados Turcos da Anatólia e Império Otomano, sendo as primeiras quatro décadas dessa centúria marcadas por acordos de paz. No entanto, a partir dos anos 1440, a Ordem do Hospital sofreu uma insustentável pressão exercida pelos muçulmanos, os quais decidiram atacar a Ilha de Rodes porque o Grão-Mestre se recusava a pagar os tributos exigidos. O sultanato mameluco do Egito, sob a liderança de Maomé II, atacou em 1440 e em 1444, e os Turcos otomanos investiram contra a ilha em 1480 e em 1522. Somente em 1523, os hospitalários foram obrigados a abandonar sua sede conventual.

Depois da capitulação de Rodes, em 1522, e após um período em Trípoli, os hospitalários fixaram residência conventual na Ilha de Malta, que em 1530 lhes foi entregue, em forma de feudo da Sicília, pelo imperador Carlos V (PÉREZ PEÑA, 2009). Nos anos seguintes, a Ordem do Hospital passou a ser chamada de Ordem de Malta (BARQUERO GOÑI, 2006, p.21).

Já na Ilha de Malta, a Ordem do Hospital sofreu um ataque do sultão otomano, em 1565, e os hospitalários saíram vencedores (BRADFORD, 2010). A partir de então, a Ordem de Malta serviu como uma espécie de *“policía marítima en el mediterráneo para proteger a la navegación occidental de los ataques de la piratería islámica procedente del norte de*

³ Priorado do Crato era o nome do priorado português da Ordem do Hospital. Vale ressaltar que a Ordem do Hospital, durante a Idade Média, também era chamada de Ordem de São João de Jerusalém ou apenas Ordem de São João. Após a transferência do Convento Central para a Ilha de Malta, no século XVI, a instituição passou a ser reconhecida como Ordem de Malta.

⁴ Exemplo disso é o Breve *Quam pertimescenda*, enviado pelo Papa Leão X ao rei D. Manuel I, solicitando que este ordenasse a D. João de Meneses, Prior do Crato, que se apressasse a participar na defesa da Ilha de Rodes, que estava ameaçada de invasão. ANTT, *Bulas*, m. 36, nº 39.

África” (BARQUERO GOÑI, 2006, p.22)⁵, ou seja, a partir do século XVI, a Ordem de Malta serviu, principalmente, para conter o avanço islâmico no Mar Mediterrâneo⁶.

Depois de 1480, a Ordem do Hospital torna-se bastante prestigiada entre os cristãos, o que influencia diretamente as dinâmicas internas das Línguas e Priorados da instituição. A vitória hospitalária no cerco de Rodes, em 1480, elevou o status dos cavaleiros dessa milícia; ou seja, manter a presença hospitalária tornou-se um fim em si mesmo, pelo fato de terem resistido ao poderoso cerco Turco (HOUSLEY, 2004, p. 162).

Sobre a presença dos hospitalários nas ilhas mediterrânicas, Martim de Albuquerque escreveu o seguinte (1998, p. 16):

Em 1310 fixam-se em Rodes, ilha conquistada definitivamente pelo Mestre Frei Foulques de Villaret. A sua posição insular e a sua marinha passam a dominar a navegação do Mediterrâneo Oriental, servindo assim a Ordem como a grande base naval do Ocidente. A permanência dos cavaleiros em Chipre e Rodes venceu para sempre a feição monumental da ilha – o Palácio dos Grão-Mestres, os hospitais (o grande hospital é hoje o Museu Arqueológico), as ruas medievais, a começar pela Rua dos Cavaleiros, as muralhas, os palácios das diversas “nações”, tudo isto atesta o apogeu dos Hospitalários em Rodes. Mas também a vocação marítima da Ordem, que se perpetuará em Malta. Os cavaleiros de Rodes e de Malta estavam posicionados, naturalmente, em condições excelentes para participarem na grande aventura quinhentista e seiscentista dos mares. Desde logo, o papel marítimo da Ordem no Mediterrâneo articula-se com a acção dos Descobrimientos. Ceuta (1415), cuja conquista marca o início da diáspora europeia pelo mundo, como observou Costa Lobo, desempenha durante séculos para o Mediterrâneo Ocidental o mesmo papel que os cavaleiros de São João desempenhavam em Rodes e em Malta.

⁵ Segundo este autor, a Ordem do Hospital também sentiu o impacto da Reforma Protestante e sofreu muitas perdas patrimoniais na Europa continental, onde parte dos bens hospitalários foi secularizada.

⁶ Não era nosso objetivo analisar o panorama mediterrânico da Ordem do Hospital no século XVI e nos seguintes. Apenas mencionamos brevemente a fim de contextualizar.

Imagem 1 – O Mediterrâneo Oriental em 1450



Fonte: MAPMASTER. *A political map of the eastern Mediterranean Sea, in 1450*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Knights_Hospitaller#/media/File:Eastern_Mediterranean_1450.svg. Consultado em: 20 de março de 2015.

Sobre a relação da ilha de Rodes com as navegações e o expansionismo português, Martim de Albuquerque ainda disse o seguinte (1998, p. 16):

Rodes foi a base de partida da grande aventura de Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã. É de Rodes, com efeito, que estes dois portugueses saem da Europa para a sua grande peregrinação com vista a atingirem a Índia por terra. Governava então a Ordem o Grão-Mestre Pierre d'Aubusson, com quem os reis de Portugal e os Portugueses mantiveram as melhores relações, e sob o qual foram mandados servir numerosos cavaleiros. E ao tempo da aventura de Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã estacionavam na ilha, entre outros cavaleiros, os portugueses Frei Gonçalo e Frei Fernando. Em Rodes fizeram

os viajantes os seus aprovisionamentos e embarcaram para Alexandria, de onde começaram a sua grande peregrinação terrestre e oriental, que tão importante seria na descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Fazendo uma análise dos acontecimentos que envolveram a Ordem do Hospital no contexto militar mediterrânico no século XV, podemos listar o seguinte: em 1440 aconteceu o Primeiro Cerco de Rodes pelos Mamelucos; em 1444, o Segundo Cerco de Rodes pelos Mamelucos; em 1453, queda de Constantinopla e fim do Império Bizantino; 1480, Terceiro Cerco de Rodes pelos Otomanos (também chamado de *Primeiro Grande Cerco de Rodes*), ocasião em que o Grão-Mestre frei Pierre d'Aubusson sai tão vitorioso que é feito Cardeal, pelo Papa Eugênio IV.

Sobre o Cerco de Rodes de 1480, Conde de Campo Bello escreveu (1931, pp. 66-67):

Por espaço de três meses lutou-se incessante e tenazmente de ambos os lados. Tais foram porém os prodígios praticados pelos Hospitalários, que por fim os otomanos tiveram de bater em retirada. Viu-se então claramente como tinha sido perspicaz e providente a tática dos últimos Grãos Mestres, munido a ilha de fortificações capazes de desafiar quaisquer esforços de invasores. Ficaram particularmente memoráveis os ataques à Torre de S. Nicolau, cuja guarnição resistiu com uma heroicidade raras vezes igualada. Também se cobriram de louros no cerco os Cavaleiros Portugueses que se achavam em Rodes, principalmente Frei Luís Petrosa, Frei Rodrigo Mendes, Frei Álvaro de Godiñe, Frei Fernando Gonçalves, Frei D. Henrique de Castro, mais tarde Prior, e Frei Pedro Laurentia. Chefiava-os D. Diogo Fernandes de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, 1º Conde de Abrantes, Monteiro-Mór de D. João II a quem serviu em África, do conselho do mesmo Rei, e Alcaide-Mór de Torres Novas.

No excerto acima, Campo Bello nos traz uma informação importante, a presença de D. Diogo Fernandes de Almeida no cerco, nobre de família bastante influente em Portugal, que viria neste mesmo ano de 1480 ser eleito ao cargo de Prior do Crato, cargo que só ocuparia de forma contínua após a morte de D. Vasco de Ataíde, em 1492. Diogo Fernandes de Almeida já havia participado de inúmeras batalhas ao lado do rei de Portugal D. Afonso V no Norte da África e também da Batalha de Toro (1476)⁷, no contexto da Guerra de Sucessão Castelhana⁸.

Sendo Diogo de Almeida quem chefiou os hospitalários de Portugal na ilha de Rodes durante os meses do cerco, em 1480, é provável que tenha acontecido uma das três situações:
I) O Prior D. Vasco de Ataíde não estar presente por simplesmente não ter ido à ilha nesta

⁷ *Chronica de El Rei D. João II*, de Rui de Pina (1950, cap. 27) e *Crónica de D. João II e Miscelânea*, de Garcia de Resende (1973, caps. 67 e 81).

⁸ Autores que se referem a D. Diogo Fernandes de Almeida como freire do Hospital, suas façanhas e como Prior do Crato: ALBUQUERQUE, 1992, pp. 161-164; FREIRE, 1996, vol II, p. 361, e vol. III, p. 142; e RIBEIRO, 1800, p.80.

ocasião, sem nenhum motivo a se considerar; II) O Prior D. Vasco de Ataíde ter se deixado liderar por outro cavaleiro mais experiente, no caso Diogo Fernandes de Almeida, havendo assim quebra de hierarquia; III) Vasco de Ataíde ter ido à ilha e por lá ter se ferido ou adoecido a ponto de não poder lutar naquele momento e talvez nunca mais.

A primeira situação é bem provável, tendo em vista a ausência de menção ao seu nome pela documentação, se bem que alguns documentos dizem que D. Vasco de Ataíde foi a Rodes diversas vezes (RIBEIRO, 1800, pp. 75-96). A segunda situação é relativamente aceitável, mas não houve quebra de hierarquia, tendo em vista que a documentação informa que D. Diogo de Almeida tinha sido eleito Prior do Crato antes de sair de Portugal em direção à Rodes. A terceira hipótese poderia ser tida como admissível, tendo em vista que Diogo Fernandes de Almeida até mesmo chegou a ser eleito Prior do Crato, mas não porque Vasco de Ataíde estivesse ferido ou doente a ponto de ninguém mais achar que ele sobreviveria (a documentação é omissa quanto a isso), mas sim por ele estar demasiado velho, teoria na qual acreditamos.

Segundo Paula Pinto Costa (2000, p. 277):

Para além de todas as actividades que desenvolveu no reino e Priorado de Portugal, Fr. Vasco de Ataíde deslocou-se várias vezes a Rodes, respondendo às exigências que a instituição lhe colocava, sendo substituído durante a sua ausência pelo comendador de Belver, Álvaro Pires de Avelar, enquanto seu lugar-tenente.

A mesma coisa escreveu Conde de Campo Bello (1931, pp. 81-82):

Este Prior teve de se ausentar várias vezes do país, não só para tomar parte nas guerras de África e de Espanha, mas também se achou em Rodes por diferentes ocasiões, e então substituído o Comendador de Belver Frei Alvaro Pires, com o título de Lugar-Tenente.

Não sabemos a data de nascimento de D. Vasco de Ataíde, mas sabe-se que seu pai, D. Álvaro Gonçalves de Ataíde, Primeiro Conde de Atougua, nasceu em 1390 e faleceu em 1452. Por isso, consideramos que, em 1480, D. Vasco de Ataíde já seria um idoso. Provavelmente, esse tenha sido o motivo da suposta ausência dele na defesa de Rodes, durante o cerco otomano.

Apesar disso, D. Vasco de Ataíde ficou vivo até 1492 e só então Diogo de Almeida assumiu definitivamente o cargo de Prior do Crato, cargo que exerceu até o dia de sua morte, em 13 de maio de 1508 (RIBEIRO, 1800, p. 92).

Ainda sobre a relação do Prior do Crato com o Mestre e Convento Central da Ordem e suas idas à Rodes, vale ressaltar que antes do evento destacado acima (cerco de Rodes de 1480), D. Vasco de Ataíde tinha participado de diversos capítulos gerais da Ordem do Hospital. Podemos citar como exemplo, o Capítulo Geral de 1462, em Rodes, ocasião em que se discutiu e se concretizou a divisão da língua comum que existia para toda a Península Ibérica em duas outras línguas, a “Língua de Castela e Portugal” e a “Língua de Aragão, Catalunha e Navarra”, o que provocou disputas em Castela e Portugal até que os freires dos priorados chegaram a um acordo em 1467, segundo o qual dividiram em partes iguais os cargos correspondentes da nova Língua (BARQUERO GOÑI, 2003, p. 135). Entretanto, para se chegar a esse acordo foi preciso, em 1466, que o Grão-Mestre convocasse todos os priores, comendadores e freires a um outro Capítulo Geral, desta vez em Roma, do qual D. Vasco de Ataíde também participou (RIBEIRO, 1800, p. 68).

No Capítulo Geral de 1462, D. Vasco de Ataíde, por tão boas relações com a monarquia portuguesa e com o Grão-Mestre da Ordem do Hospital, fora nomeado Embaixador do Convento Central e Lugar-tenente do Grão-Mestre para que pudesse exercer funções de “fazer pagar as imposições, e *Annatas*, visitar, correger, e reformar o que lhes parecesse convincente, e revogando para esse fim os Privilegios concedidos a quaisquer Priorados, ou Religiosos”, preservando somente os privilégios que parecessem úteis à Ordem. Além disso, essa nomeação ainda era acompanhada de uma patente, que fora enviada ao Pontífice, ao imperador e a reis, dizendo a respeito das investidas dos Turcos e os “grandes perigos, e guerras, que ameaçavam a Religião”, suplicando a esses soberanos que favorecessem e amparassem aos hospitalários em seus objetivos (RIBEIRO, 1800, p. 67).

Antes disso, segundo José Anastácio de Figueiredo Ribeiro (1800, p. 65), D. Vasco de Ataíde só não participou das primeiras grandes expedições de D. Afonso V na África, em 1458, porque “podemos bem supôr que elle ficaria apromptando-se para hir com alguns Comendadores servir a sua Ordem em Rhodes, onde estava tendo assento, ou cabeça della”.

Voltando ao assunto da participação dos freires hospitalários no cerco de Rodes, em 1480, observe o que escreveu José Anastácio de Figueiredo Ribeiro na sua obra publicada em 1800 (pp. 81-82)⁹:

⁹ Vale a pena informar que estas análises que apresentamos sobre a obra de José Anastácio de Figueiredo Ribeiro, de 1800, têm como fontes principais utilizadas por este autor a *Chronica de D. Afonso V*, de Rui de Pina, e a *Chronica da Ordem de Malta* do frei D. João Agostinho de Funes, chegando essas análises a serem, às vezes, meramente plágios dessas crônicas. A crônica de Rui de Pina foi bastante analisada por nós, já a de Funes não nos foi possível encontrar.

Nem mesmo quando o Chronista Mór Ruy de Pina no Cap. CCVIII. da sua Chronica tantas vezes citada, escrevendo do mez de Novembro de 1480, certifica bem notavelmente, que neste tempo fôra a Cidade, e Ilha de Rhodes cercada de Turcos (600) (?), em 160 vellas, ainda ás ordens de Mahomet II., e posta em grande aperto, sendo Grão-Mestre Dom frey Pedro d’Abaabusam, a cujo socorro foy destes Reynos Dom Diogo Fernandes d’Almeida que trazia o Abito da dita Ordem, & era eleito pera ser como foy Prior do Crato, & foy bem armado & aparelhado, & no caminho & em Rodes gaanhou muyta honra, sendo ferido, pelejando com gallees, & fazendo ricas presas como homem de nobre sangue, a que em todas suas cousas d’antes & depois nunca falleceo deferiçam, bondades, & grande esforço de coração. Em cujo grande cêrco já publicou Funes na Parte I. da sua Chron. Liv. IV. Cap. 17. p. 411 (depois das ultimas Cartas de Citação, dirigidas aos Priorados do Ocidente, com daa de 20 de Julho de 1479, pelo theor transcripto no citado Liv. IV. Cap. 13, p 384. e segg.), que se acharam Comendadores, e Cavalleiros do Priorado de Portugal Fr. Luiz Petrosa, Fr. D. Diogo de Almeida, Fr. Rodrigo Mendes, Fr. Alvaro de Godiñe, Fr. Fernando Consalvo, ou Gonçalves, e Fr. Pedro Laurentia. Por quanto não consta mais, que o Prior D. Vasco d’Athaíde continuasse a fazer, senão entre nós, a fiorentissima, e muito fértil Epoca para a Historia da sua Ordem, em que ajuntou os maiores merecimentos, e autoridade, ainda por quasi todo o Reinado do Sr. Rei D. João II, seu afilhado. como se prova, não só por muitas Graças, e Mercês, que este lhe fez como particular, sem haverem de passar á dita Ordem; mas primeiramente por ser a elle, que ainda foi concedida a Carta de Confirmação Geral em 12 de Outubro do anno de 1485, da qual se falou no § 44. da minha Parte I. Ao mesmo tempo que, o sobredito D. Diogo Fernandes de Almeida tinha já voltado para o Reino, e nelle estava sendo só do Conselho, e Monteiro Mór daquelle Sr. Rei, quando por Carta dada em Santarèm a 16 de Janeiro de 1486 (a f. 160 do Liv. VIII. da sua Chancellaria) lhe fez Mercê o mesmo Principe de o fazer Alcaide mór de Torres Novas, como o tinha sido por Carta d’ElRei seu Pay.

Quantos aos feitos de D. Diogo Fernandes de Almeida quando já atuava como Prior, os pesquisadores da Ordem do Hospital não economizaram palavras. Segundo BELLO (1931, p 68)¹⁰, algum tempo após a resistência hospitalária ao cerco Otomano:

¹⁰ Sobre a capitulação de Rodes, definida pela derrota hospitalária no Segundo Grande Cerco de Rodes de 1522, o Conde de Campo Bello (1931, pp. 71-72) diz o seguinte: “Era grande então o prestígio de que gozavam os Cavaleiros de Rodes. A ilha admiravelmente defendida por muralhas e baluartes – que em grande parte resistiram até hoje ao vandalismo dos homens e à intempérie dos séculos – desafiava os inimigos mais audazes; a sua frota sulcava em tôdas as direcções os mares circunvizinhos, dando caça, sem tréguas, a piratas e muçulmanos; a sua situação internacional era magnífica em relação às potências europeias, e aos maometanos inspirava um perpétuo terror o valor sem igual da Milícia Jerusalemítana. Rodes era ainda um rico empório. Por fim, os Hospitalários, muito dizimados; esgotados os víveres e sem armas; arruinadas em alguns pontos as fortificações pela acção destrutiva da artilharia pesada otomana; e tendo esperado em vão qualquer socôrro do Ocidente – a que tinham incontestável direito, eles que sempre coadjuvavam eficazmente os estados cristãos – não tiveram outro remédio senão capitular no mês de Dezembro de 1522. Não foi esta uma rendição humilhante ou que lhes diminuísse o prestígio, porque perante a desproporção esmagadora do número, não havia outro caminho a seguir. E Solimano tanto admirou a atitude dos Cavaleiros de São João, que lhes consentiu ao retirarem-se de Rodes levar consigo as bandeiras, os canhões e as outras armas que possuíam, e embarcaram nas suas próprias galés. Aos habitantes da ilha foi concedido poderem acompanhar os Hospitalários, e aqueles que preferissem permanecer em Rodes ficaram isentos de todo e qualquer imposto durante cinco anos”.

Emerico d’Amboise, irmão do célebre Cardeal francês Arcebispo de Rouen, foi o Grão Mestre seguinte. Distinguiram-se nesse tempo as armadas de Rodes em diferentes combates navais. Num dêles notabilizou-se mais uma vez por feitos valorosos o Prior de Portugal, Frei D. Diogo Fernandes de Almeida, que com quatro galés de seu comando destroçou dezasseis navios turcos; igualmente se salientou então um outro português Frei André do Amaral, “general das galés da Religião do Hospital”.

No século XV, o ambiente no Mar Mediterrâneo podia ser resumido em uma palavra: “guerra”. O Mediterrâneo era o principal palco das lutas entre cristãos e muçulmanos. É preciso realçar a memória das lutas infundáveis e das batalhas sangrentas que salvaram o Ocidente Cristão, em que a Ordem do Hospital ou seus cavaleiros intervieram. Recordemos os feitos do Grão-Mestre Pierre d’Aubusson (1476-1503), que chegou a receber a denominação de “Escudo da Cristandade” (*bouclier de la chrétienté*), por ter resistido, em 1480, com sucesso em Rodes ao assalto de cem mil Turcos, vitória que foi celebrada como uma das mais significativas do século XV (ALBUQUERQUE, 1998, p. 18).

Em 1481, o mesmo Grão-Mestre assinou um acordo de paz com os Turcos, que durou até o ano seguinte. O Grão-Mestre Pierre d’Aubusson tinha chamado para a cruzada os reis de Nápoles e da Hungria, que não atenderam ao seu chamado. Por isso, o Convento Central decidiu negociar a paz com os Turcos. Com esse acordo, a Ordem do Hospital tinha que devolver os fugitivos otomanos, caso fossem muçulmanos ou cristãos, mas no último caso os muçulmanos teriam que pagar em dinheiro para que a devolução se concretizasse. O Convento Central começava a perceber que devido à proximidade geográfica e ao poderio cada vez maior dos Turcos, era melhor planejar acordos do que estratégias de guerra (HOUSLEY, 2004, pp. 150-160).

Sobre a negativa dos reis de Nápoles e da Hungria em iniciar uma cruzada ao lado da Ordem do Hospital, o cronista Guillaume Caoursin, teceu suas críticas (CAOURSIN, 1870)¹¹:

Failing to open eyes that are clouded by the mists of passions, the Christians reject the opportunity offered to them, and each is preoccupied with his own affairs. For sure, the blood of Christ is colder in the spirits of Christians than the Sarmatic Sea; those who should be boiling are frozen by a more than glacial cold.

¹¹ A crônica original de Guillaume Caoursin está na Bibliothèque Nationale de France. *Opera Guillelmi Caoursin, Rhodiorum vicecancellarii: Obsidionis Rhodiae Urbis Descriptio*. Res. K-89. A citação é da tradução de 1870, em Inglês. Guillaume Coursin esteve presente como Vice-Chanceler da Ordem no Cerco de Rodes de 1480 e, algum tempo depois, publicou sua crônica a respeito da batalha e das redes de poder que envolviam o Convento Central da Ordem do Hospital.

Caoursin se referindo ao tratado de paz entre o Convento Central da Ordem do Hospital e o Império Otomano, escreveu o seguinte (CAOURSIN, 1870):

Peace is known to be a gift of such a celebrated and excellent nature that it is easy to persuade the spirit to embrace it. But while everyone welcomes it with open arms, the yearning is strongest amongst the multitude who earn their living in the cultivation of the fields. For generous soldiers, accustomed to arms, pursue glory in military action... But circumstances often demand that we take pity on the troubles of the peasants whose sweat enables food to reach the princes and soldiers.

Este trecho de Caoursin nos faz refletir sobre o imaginário da cruzada, tão inserido nas mentalidades dos que viveram os séculos XV e XVI. Para as pessoas daquela época, os cristãos tinham um inimigo em comum cada vez mais poderoso, o Islamismo. Mesmo diante das guerras entre reinos europeus e entre senhores feudais, nada era mais significativo, em termos psicológicos, do que o pavor que o “infiel” causava, principalmente naqueles que estavam diretamente ligados ao Movimento de Cruzada, a citar, cavaleiros, navegadores, soberanos e até mesmo o próprio Papa, que nestes tempos acompanhava a ameaça Turca chegar cada vez mais perto de si (e de suas possessões e interesses na Península Itálica). Os comerciantes sequer podiam navegar tranquilamente no Mar Mediterrâneo, pois havia o constante e real perigo de saques, o que era chamado de “corso”. Isso fez, inclusive, Portugal procurar novas rotas para comercializar com as Índias, o que talvez tenha resultado, indiretamente, em todas as conquistas na costa da África.

O corso, entretanto, era algo que também causava temor nos muçulmanos. A própria frota hospitalária de Rodes, e seus protegidos, atacavam embarcações muçulmanas e suas mercadorias, o que também tornou a Ordem bastante impopular no Oriente Médio. O Hospital concedia licenças de travessia no mediterrâneo e atuava com ações de pirataria contra navios que forneciam suprimentos ao Império Turco e aos muçulmanos em geral. Principalmente depois da instalação em Malta, a principal atividade da Ordem de São João no Mediterrâneo foi o corso. Com isso, a Ordem garantia a “segurança cristã dos mares” (HOUSLEY, 2004, pp. 149-162).

Imagem 2 – Grão-Mestre Pierre d’Aubusson em Rodes.



Fonte: Bibliothèque Nationale de France, ms. Lat 6067, fl. 3v. Guillaume Caoursin apresentando ao Grão-Mestre Pierre d’Aubusson com seu livro *História do Cerco de Rodes*, em 1483.

Sobre o cronista Guillaume Caoursin, testemunha ocular do cerco de 1480 e Vice-Chanceler da Ordem do Hospital, Helen Nicholson escreveu o seguinte (2011, p. 62):

The Hospital publicised in Europe what was depicted as miraculous victory. Pope Sixtus IV sent his congratulations and authorised the brothers to sell indulgences in Europe to those who contributed towards the rebuilding of their fortifications. The Latin account of the siege by Guillaume Caoursin, vice chancellor of the Order, was printed and between 1481 and 1489 editions were published throughout western Europe, as well as translations into English (by John Kay) and French. This raised the Order’s prestige in Europe and encouraged donations; but nevertheless it was left very vulnerable to another attack. The defensibility of the town was further undermined by a succession of earthquakes in 1481. If Mehmed II had had attacked in 1481 he would probably have captured Rhodes, but his death followed by the war between his sons Beyezyd II and Jem, prevented immediate assault. Instead, Bayezid made a truce with the Hospitallers in late 1481, while Jem turned to the Hospitallers for assistance. He arrived in Rhodes in late July 1482 and made a perpetual treaty of Peace with Grand Master Aubusson. He then sailed to the West to seek assistance for a war against his brother. The Hospital was authorised to negotiate on his behalf

with Bayezid, and a Peace treaty was made between the sultan and the Order in December 1482. According to this, the Hospital would keep Jem in the West and prevent western European sovereigns from using him against Bayezid. To demonstrate his debt to the Order in this matter, Bayezid promised an annual payment for Jem's expenses, and sent the Hospital the relic of the right hand of St John the Baptist, patron of the Order. The hand, enclosed in a reliquary, remained one of the Order's most precious relics¹².

De fato, a *História do Cerco de Rodes*,¹³ de Guillaume Caoursin, impressa entre 1481 e 1489, foi o texto que mais divulgou a vitória hospitalária sobre os Turcos, contando detalhes sobre os meses de cerco. Essa obra fez com que os cristãos na Europa admirassem imensamente a Ordem do Hospital, aumentando então seu prestígio e propiciando, desta forma, significativas contribuições à instituição. E, em tempos de guerra, receber doações era o que a Ordem de São João mais apreciava.

Apesar da tentativa de se manter a paz, a Ordem do Hospital precisou declarar guerra novamente contra o Islã. De 1499 a 1503, os venezianos combateram os Otomanos em uma guerra na qual o Papa colocou os hospitalários como líderes da liga cristã. Somente em 1503, Veneza e Hungria tratam de fazer as pazes com os Turcos. Apesar disso, os rancores tornavam-se imperdoáveis. Anos depois, o Sultão Turco Selim I conquista o Egito, a Síria e a Palestina, deixando o Convento Central da Ordem rodeado. Em 1521, os Turcos atacam Belgrado e, em 1529, atacam Viena. Rodes se tornara a posição cristã mais avançada no Oriente. Em 1522, após vários pedidos de ajuda feitos pelos papas aos reis europeus (que não acreditavam que Rodes cairia e que por isso não enviaram ajuda militar suficiente) Rodes se rende, após um conflito que durou quase seis meses (HOUSLEY, 2004, pp. 149-162).

Sobre a paz com os Turcos Otomanos, Normam Housley escreveu o seguinte (HOUSLEY, 2004, pp. 161-162):

For Anthony Luttrell¹⁴, the installation of the Knights at Rhodes at the start of the fourteenth century should cause us to think that they had accepted that the reconquest of Jerusalem was no longer an objective, and that they had

¹² Esta citação ainda se refere ao incidente diplomático provocado por Djem, irmão do Sultão Turco. Depois de ser derrotado na disputa pelo trono, se refugiou em Rodes em 1482. O Grão-Mestre do Hospital obteve, assim, um valioso refém para negociar com o Sultão Bayaceto II. Djem foi enviado às possessões da Ordem do Hospital na França e obteve do Sultão Turco o pagamento de uma elevada quantidade anual, além da interrupção dos ataques turcos ao Hospital e aos demais ocidentais no Mediterrâneo, em troca de que se mantivesse Djem neutralizado. Posteriormente, em 1489, os hospitalários tiveram que entregar Djem ao Papa. Djem morreu em Nápoles em 1495 (BARQUERO GOÑI, 2003, p. 224). Nota nossa.

¹³ Bibliothèqu Nationale de France. *Opera Guillelmi Caoursin, Rhodiorum vicecancellarii: Obsidionis Rhodiae Urbis Descriptio*. Res. K-89.

¹⁴ Para maiores informações: LUTTRELL, Anthony. *The Hospitallers of Rhodes and the Mediterranean World*. Edição Reimpressa. Hampshire: Ashgate Publishing, 2002. LUTTRELL, Anthony. *The Making of Christian Malta: from the Early Middle Ages to 1530*. Hampshire: Ashgate Publishing, 2002. Nota nossa.

realized that the crusade was going to become a defensive war against the Ottomans. The Order could not abandon the crusade, which was its *raison d'être*, but it could 'in its own ways divert, or even pervert, it'. As we have seen, subsequent events seem to support this conclusion. It seems certain that after the failure of the Ottoman siege of 1480, nobody in Europe seriously considered challenging the Hospitaller presence at Rhodes. The glory that the Order had derived from the victory was buttressed by the personal prestige of Pierre d'Aubusson, whose magistracy lasted for more than half of the period covered by this essay, from 1476 to 1503. The Venetians could denounce him as a 'friend of the Turk', and not without apparent reason: but it remains the case that he had fashioned Rhodes into a bastion of Christendom in the East, the only one capable of standing fast against the Turk and of dictating terms to him. After 1480, maintaining the Hospitaller presence constituted an end in itself, not only for material reasons that do not concern us here, but also for moral reasons.

Em 1481, outra infelicidade assolou o Convento Central da Ordem, um terremoto que abalou significativamente as estruturas das construções de Rodes. Em 1521 vem a Reforma Protestante, o que gera perda de patrimônio hospitalário na Europa e diminuição de envio de recursos à ilha de Rodes. A partir de 1492, com a chegada dos europeus à América, a luta contra o Islã deixa de ser a principal preocupação dos monarcas ibéricos, o que dividia a atenção destes com relação aos auxílios prestados à Ordem do Hospital.

Toda essa sequência de conflitos necessitava de recursos, cada vez mais recursos, o que em determinados momentos se tornava um imenso problema para o Convento Central da Ordem. Sustentar a guerra contra o Islã era algo demasiado caro, o que requeria o envio de tropas, dinheiro, metais, armas, pólvora, animais diversos e outros mantimentos tanto por parte dos priorados espalhados nos reinos europeus quanto pelos próprios monarcas. E para ainda complicar mais a situação, pouco auxílio advinha dos mosteiros ocidentais, por causa das guerras se travavam entre Gênova e Aragão, e entre Inglaterra e França, o que reduzia demasiadamente as receitas das respectivas Línguas e Priorados. Além disso, na Boêmia, grupos de Hussitas saqueavam localidades e também provocavam diminuição dos rendimentos dos hospitalários (BELLO, 1931, p. 63).

Vale ressaltar que também era muito comum o envio de recursos humanos ao Convento Central, principalmente de freires (cavaleiros, serventes e capelães) com o objetivo de contribuir com a defesa da ilha de Rodes e de participar nas expedições da Ordem pelo Mediterrâneo Oriental. Contudo, os membros da Ordem que viviam no Ocidente somente eram chamados pelo Grão-Mestre para defender Rodes em momentos de grande perigo. Convocados, se não comparecessem corriam o risco de perderem seus cargos e até mesmo o hábito da Ordem do Hospital.

Imagem 3 – Extensão do Império Otomano (1481-1683).



Fonte: KOHENE, André. *Extensão do Império Otomano, entre 1481-1683*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Otomano#/media/File:Otomano_europa_pt.svg. Consultado em: 20 de março de 2015.

Em princípio, a principal finalidade das possessões da Ordem do Hospital na Europa Ocidental era contribuir com a manutenção do Convento Central no Mediterrâneo. Durante os séculos XII e XIII todas as comendas desta instituição deviam pagar anualmente um terço de suas rendas ao Convento Central. Este tributo era chamado de “responsão”¹⁵. Durante esses dois primeiros séculos, já havia envio de recursos dos priorados hospitalários peninsulares ao Grão-Mestre e Convento. “*Sin embargo, por desgracia se conserva muy poca información sobre el tema. Apenas sí podemos certificar la existencia de las ‘responsiones’ en la Península durante esta época*” (BARQUERO GOÑI, 2003, p. 175).

¹⁵ B.A. *Regra da Ordem de S. João de Jerusalém*. fls. 97-97v. “Quem não cumprisse a obrigatoriedade de presença no Capítulo Provincial pagava o dobro da responsão ao Comum Tesouro, excepto se se provasse o seu impedimento, o qual devia ser manifestado pelo seu procurador no referido Capítulo” (COSTA, 2000, p. 73).

Nos séculos XIV e XV, após a fixação da Ordem do Hospital em Rodes desde 1310, os envios dos priorados ocidentais são fundamentais para a sustentação dos hospitalários na ilha. Nestes séculos, os hospitalários ibéricos enviaram consideráveis quantias de dinheiro à Rodes, em forma tanto de respostas (tributos anuais) quanto de outros tipos de tributos¹⁶.

De acordo com Carlos Barquero Goñi (2003, p. 176):

La documentación nos permite verificar que estas transferencias monetarias desde la Península se verificaban realmente por lo menos en parte. Las cuentas sanjuanistas de los años 1373-4 y 1374-5 constaban notables desembolsos por parte de la castellanía de Amposta (2.417 y 2.243 florines, respectivamente) y de los prioratos de Navarra (731 y 867 florines) y Cataluña (5.403 y 4.658 florines), mientras que los prioratos de Castilla y Portugal no habían abonado nada en dichas anualidades. A su vez, María Bonet há confeccionado una expresiva relación de algunos de los pagos realizados al convento de Rodas por la castellanía de Amposta y, en menor medida, por otros prioratos ibéricos a lo largo de los siglos XIV y XV.

Até o final do século XIV, os tributos destinados à Rodes eram recolhidos pelo prior entre as comendas de seu priorado durante a celebração do Capítulo Provincial. Esse sistema foi modificado em 1358 quando o Capítulo Geral da Ordem do Hospital, realizado na ilha de Rodes, decidiu estabelecer em cada priorado um receptor das respostas, retirando essa obrigação das mãos do prior. Na Península Ibérica, esse receptor ou procurador dos direitos do Mestre e Convento Central correspondia a um freire do priorado, o qual muitas vezes também era comendador. Às vezes, sua jurisdição abarcava não só um priorado específico, mas toda a Península Ibérica (BARQUERO GOÑI, 2003, pp. 176-177).

Segundo Barquero Goñi (2003, p. 177):

En cuanto a la fórmula que se usaba para hacer llegar los fondos a Rodas, parece ser que se utilizaban los servicios de mercaderes y banqueros, quienes se encargaban de transferir el dinero desde la Península Ibérica a la isla. En el siglo XIV suelen ser italianos, pero en la centuria siguiente encontramos ya a nativos, como mercaderes catalanes o el mercader zaragozano Pedro Torrero en 1478. En estas condiciones, no es de extrañar que muchas veces se produjeran atrasos y faltas de pago. Dentro de la Península Ibérica los que ocasionaban más problemas a este respecto parecen ser a mediados del siglo XIV los prioratos de Portugal y de Castilla. El prior castellano tenía que ordenar a su lugarteniente que quitase las baílías a los comendadores que no

¹⁶ Além de dinheiro em espécie, os hospitalários ibéricos também chegaram a enviar animais, como afirma Carlos Barquero Goñi (2003, pp. 179-180): “En 1300 el papa Bonifacio VIII concedió a la Orden la casa de San Miguel de Burgo, en la diócesis de Zamora, para que los freires alimentaran con sus pastos a los caballos que enviaban en apoyo de Tierra Santa. En 1311 Jaime II de Aragón mandaba a sus oficiales de Barcelona y del Vallés que dejaran salir de sus reinos a 64 caballos y 16 mulas destinados por los hospitalários a la expedición de Ultramar”.

pagasen sus responsabilidades en 1357. En 1374-75 hacía nueve años que el priorato de Portugal no había pagado nada al centro de la Orden. Con todo, no eran los únicos ya que también encontramos casos en el priorato de Navarra y en la castellanía de Amposta. Em 1429 el prior de Cataluña tenía que mandar a los comendadores de su priorato que pagasen sin retraso las responsabilidades al tesoro común de la Orden.

Como dissemos, a falta de pagamento das contribuições ao Convento Central de Rodes podia acarretar à perda do cargo dentro da Ordem, o que aconteceu a vários priores e comendadores nos séculos XIV e XV. A situação se agravava quando as monarquias ibéricas impediam o envio das contribuições à Rodes, o que aconteceu em Portugal entre 1330 e 1345 e em Aragão em 1331 e 1332 (BARQUERO GOÑI, 2003, p. 179).

Imagem 4– Castelo de Rodes



Fonte: TURISMOGRÉCIA. *Castelo de Rodes*. Disponível em: <http://www.turismogrecia.info/guias/grecia/grecia-rodos-historia>. Consultado em: 20 de março de 2015.

Em determinados momentos era necessário que o prior recorresse ao Papa ou ao Grão-Mestre, a fim de diminuir ou eliminar os impedimentos provocados por determinados reis. Observamos que quando um Prior recorria ao Papado e/ou ao Convento Central, o fazia como um meio de manter uma margem significativa de autonomia em face das interferências da monarquia. Esse recurso ao Papa e ao Grão-Mestre, por exemplo, foi feito, em Portugal, até o século XVI, quando definitivamente o Priorado do Crato foi “entregue” à família real.

La Orden de San Juan, como todas las demás Órdenes Militares, estuvo muy ligada al pontificado desde sus orígenes. Todas las Órdenes Militares en general nacieron como um brazo armado de la Iglesia directamente dependiente del papa. Originadas como una consecuencia más de la Reforma Gregoriana y del movimiento cruzado en el interior de la Iglesia, las Órdenes Militares internacionales fueron creadas como un instrumento de poder del pontificado. Es en este contexto donde debemos entender el caso de la Orden del Hospital durante los siglos XII y XIII (BARQUERO GOÑI, 2003, p. 112).

Ao longo dos séculos XIV e XV, a dependência da maioria das ordens militares com relação ao Papa começou a diminuir à medida que iam sendo incorporadas ou controladas pelas coroas europeias. No caso da Ordem do Hospital, o estreito vínculo com o Papado continuou existindo durante esse período. Depois que a Ordem do Templo foi dissolvida, a Ordem de São João passou a ser a única realmente “internacional” cujos recursos estavam disponíveis para os planos cruzadísticos que os papas mantinham no final da Idade Média. Em alguns momentos, verificamos inclusive que a liderança exercida pela Santa Sé chegou mesmo a diminuir o próprio papel exercido pelo Mestre da Ordem¹⁷.

Na Península Ibérica, o Papa atuava diretamente nos assuntos hospitalários desde o século XII. O Papado apoiou a implantação e o desenvolvimento da Ordem do Hospital nos séculos XII e XIII. Diversas foram as medidas de proteção e os privilégios concedidos, como já demonstramos em nossa dissertação de Mestrado intitulada *A Ordem do Hospital no Noroeste da Península Ibérica: doações e privilégios (séculos XII-XV)* (MARCHINI NETO, 2010, pp. 78-84). Além disso, os papas exerciam o controle supremo sobre a Ordem na Península Ibérica e regulavam suas relações com o restante da Igreja.

Considerações finais

Analisando a relação do Prior do Crato, D.Vasco de Ataíde, com o Papado, percebemos que em muitas ocasiões a Santa Sé utilizava o Hospital como um braço armado

¹⁷ Barquero Goñi (2003, pp. 112-113) informa sobre algumas fontes para obtenção de mais informações sobre este assunto, algumas das quais não nos foi possível consultar: “N. HOUSLEY, *The Avignon Papacy and the Crusades, 1305-1378*, Oxford, 1986, pp. 194-198 y 260-292. A. LUTTRELL, *Latin Greece, the Hospitallers and the Crusades 1291-1440*, Londres, 1982, I, pp. 252, 256-257. A. LUTTRELL, *The Hospitallers of Rhodes and their Mediterranean World*, Aldershot, 1992, I, pp. 6-7. S. MENACHE, *The Hospitallers during Clement V's pontificate: the spoiled sons of the Papacy?*, en H. Nicholson (ed.), *The Military Orders*. Volume 2. Welfare and Warfare, Aldershot, 1998, pp. 153-162. J. DELAVILLE LE ROULX, *Les Hospitaliers à Rhodes jusqu'à la mort de Philibert de Naillac (1310-1421)*, París, 1913, pp. 19-26, 57-59, 125-126, 129-134, 142-144, 170-175, 323-325”.

ao serviço da Cristandade e da própria Igreja Católica Apostólica Romana. Da mesma forma que a Igreja precisava que a Ordem do Hospital seguisse contendo o avanço islâmico no Mar Mediterrâneo, a Ordem também precisava da Igreja, às vezes como instância última de julgamento e às vezes para se proteger das tentativas excessivas de controle monárquico por parte de alguns soberanos.

Quanto à relação entre o Prior D. Vasco de Ataíde e o Convento Central da Ordem do Hospital, sediado na ilha de Rodas, vale ressaltar que o Prior do Crato fornecia ajuda militar a cada vez que Grão-Mestre assim solicitava, e, em várias ocasiões, comparecia pessoalmente aos Capítulos Gerais e a outras convocatórias. É provável que este prior tenha participado do Capítulo Geral que criou a Língua de Castela e Portugal, separando, em uma outra Língua, os reinos de Aragão, Catalunha e Navarra. Quanto a participação de Vasco de Ataíde no cerco de Rodas, em 1480, não acreditamos que ele tenha participado, afinal nessa época ele já possuía idade avançada, além do fato de que a documentação não o menciona nessa batalha.

Fontes

Fontes manuscritas:

A.N.T.T. (Arquivo Nacional da Torre do Tombo)

Bulas, m. 36, nº 39.

B.A. (Biblioteca da Ajuda)

Regra da Ordem de São João de Jerusalém.

49-II-32, fls. 245-258.

Bibliothèque Nationale de France

Opera Guillelmi Caoursin, Rhodiorum vicecancellarii: Obsidionis Rhodiae Urbis Descriptio.
Res. K-89.

Fontes impressas:

CAOURSIN, Guillaume. *Siege of Rhodes*. Tradução de Johan Kaye. London: Alex Murray and Son, 1870. Texto original em Latim, de 1490.

FREIRE, Anselmo Braamcamp. *Brasões da Sala de Sintra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921-1930. 3 vols.

FREIRE, Anselmo Braamcamp. *Brasões da Sala de Sintra*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996. 3 vols.

PINA, Rui de. *Chronica de El Rei D. Afonso V.* Edição de José Correa da Serra. Lisboa: Officina da Academia Real das Ciências, 1790.

PINA, Rui de. *Chronica de El Rei D. João II.* Edição de Alberto Martins de Carvalho. Coimbra: Atlântida, 1950.

RESENDE, Garcia de. *Crónica de D. João II e Miscelânea.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Martim de (Dir.). *Portugal e a Ordem de Malta: aspectos da Europa.* Lisboa: CTT – Correios e Telecomunicações de Portugal, S.A., 1992.

ALBUQUERQUE, Martim de. *A Ordem de Malta e o Mundo.* Lisboa: Edições Inapa, 1998.

BARQUERO GOÑI, Carlos. *Los Caballeros Hospitalarios Durante la Edad Media en España (Siglos XII-XV).* Burgos: Editorial La Olmeda, 2003.

BARQUERO GOÑI, Carlos. *Los Hospitalarios en La España de los Reyes Católicos (1474 – 1516).* Gijón: Ediciones Trea, 2006.

BELLO, Conde de Campo (D. Henrique). *A Soberana Militar Ordem de Malta e a sua Acção em Portugal.* Porto: Tipografia Porto Medico, L.da, 1931.

BRADFORD, Ernle Dugate Selby. *The Great Siege: Malta 1565.* Woodbridge: Boydell Press, 2010.

COSTA, Paula Maria de Carvalho Pinto. *A Ordem Militar do Hospital em Portugal: dos finais da Idade Média à Modernidade. Militarium Ordinum Analecta. Vols. 3 e 4.* Porto: Fundação Engenheiro António Almeida, 2000.

HOUSLEY, Norman (Ed). *Crusading in the Fifteenth Century: message and impact.* Hampshire: Palgrave MacMillan, 2004.

HOUSLEY, Norman. *Religious Warfare in Europe, 1400-1536.* New York: Oxford University Press, 2002.

HOUSLEY, Norman. *The Later Crusades, 1274-1580: from Lyons to Alcazar.* New York: Oxford University Press, 1992.

LUTTRELL, Anthony. *The Hospitallers of Rhodes and their Mediterranean World.* Edição Reimpressa. Hampshire: Ashgate Publishing, 2002.

LUTTRELL, Anthony. *The Making of Christian Malta: from the Early Middle Ages to 1530.* Hampshire: Ashgate Publishing, 2002.

MARCHINI NETO, Dirceu. *A Ordem do Hospital no Noroeste da Península Ibérica: doações e privilégios (séculos XII-XV)*. Dissertação de Mestrado em História Medieval e do Renascimento, apresentada à Universidade do Porto. Porto: 2010.

MARCHINI NETO Dirceu. *O Priorado do Crato da Ordem do Hospital e as Dinâmicas de Poder na Época do Prior D. Vasco de Ataíde (1453-1491)*. Tese de apresentada à Universidade de Brasília (UNB). Brasília: 2015.

NICHOLSON, Helen. *The Knights Hospitaller*. Woodbridge: The Boydell Press, 2011.

PÉREZ PEÑA, Rafael. *La Soberana Orden de Malta a Través de Diez Siglos de Historia y su Relación con la Acción Humanitaria*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidad de Málaga, em 2009.

RIBEIRO, José Anastasio de Figueiredo. *História da Ordem do Hospital, hoje de Malta, dos Senhores Grão-Priores Della em Portugal: fundada sobre os documentos, que podem supprir, confirmar, ou emendar o pouco, incerto, ou falso, que della se acha impresso: servindo incidentemente a outros muitos assumptos, com geral utilidade. Parte I. Até a morte do Senhor Rei D. Sancho II*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1793.

RIBEIRO, José Anastasio de Figueiredo. *Nova História da Militar Ordem de Malta, e dos Senhores Grão-Priores Della, em Portugal: fundada sobre os documentos, que só podem supprir, confirmar, ou emendar o pouco, incerto, ou falso, que della se acha impresso: servindo incidentemente a outros muitos assumptos, com geral utilidade. Parte II. Até a morte do Senhor Rei D. Diniz*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800.

RIBEIRO, José Anastasio de Figueiredo. *Nova História da Militar Ordem de Malta, e dos Senhores Grão-Priores Della, em Portugal: fundada sobre os documentos, que só podem supprir, confirmar, ou emendar o pouco, incerto, ou falso, que della se acha impresso: servindo incidentemente a outros muitos assumptos, com geral utilidade. Parte III. Até os nossos dias; com o copioso Índice geral, de que necessita*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800.

RILEY-SMITH, Jonathan. *Hospitallers: the history of the Order of St. John*. Londres: The Hambledon Press, 1999.